



Adeus a Enrique Dussel

Good Bye to Enrique Dussel

Adiós a Enrique Dussel

por Márcio Luís Costa

Universidade Católica Dom Bosco
Campo Grande, Brasil

ORCID <https://orcid.org/0000-0003-0412-4812>
marcius1962@gmail.com

Quando me chegou o convite para escrever, desde o coração, algumas notas sobre o filósofo, teólogo e historiador latino-americano, Enrique Dussel, a propósito da sua despedida que nos correspondeu vivenciar recentemente, me reporte, imediatamente, de forma quase instintiva, ao texto em que Jacques Derrida se despede de Emmanuel Lévinas. A humanidade é geracional, nos corresponde o doloroso privilégio de celebrar despedidas.

A despedida, mesmo à distância e no silêncio da meditação sobre a vida, a filosofia e a morte, foi dolorosa. Imagino que muitos daqueles que convivemos com Dussel, vivemos, cada um à sua maneira, o nosso sentimento de perda de um amigo e Mestre, que marcou nossas vidas e nos acompanhou na tessitura das fibras de nossa formação filosófica.

Dussel, à Deus! À Deus, pelo seu compromisso ético e político, expresso

em seus textos, na sua trajetória, mas também na forma de acolher e acompanhar seus alunos, uma combinação de rigidez e ternura que nos mantinha, orientava e animava em nossas trajetórias. Um diferencial que nos chamou muito a atenção foi o fato de que nos recebia na sua residência, onde mantinha um estúdio filosófico com vasta biblioteca, de onde, algumas vezes, tomávamos livros emprestados e, sim, eram devolvidos.

Era uma tradição, não negociável, acompanhar os Seminários semanais das quartas-feiras na UNAM. Se tratava de um espaço privilegiado onde Dussel, seus alunos e ocasionalmente, professores convidados, fazíamos uma experiência cosmopolita de formação, marcada por significativa variedade e riqueza de línguas, etnias, sotaques e posições filosóficas: éramos a diferença da diferença em um espaço de alteridades.

Por iniciativa dos alunos, depois do Seminário seguíamos para o Café, com letra maiúscula, em respeito aos espaços não-acadêmicos de diálogo e discussão, onde o Professor se convertia em Mestre e Mentor e onde os modelos teóricos davam lugar à liberdade intuitiva que, não poucas vezes, chegaram articulações temáticas até então insuspeitáveis.

Sem dúvida era uma personalidade controversa. Sua militância filosófica e seu sentido de compromisso social da filosofia o afastava da tonalidade padrão da academia e o aproximava de interlocutores outros, gerando um diálogo e uma produção filosófica crítica, incisiva, dura de ser lida e marcada por relevantes atravessamentos sociais e políticos.

Enrique era de caráter forte, disciplinado e determinado em relação ao trabalho e às suas posições filosóficas e políticas, no entanto, mostrava-se, por outro lado, pessoa muito próxima e generosa nas relações interpessoais, sempre presente e disponível para acolher, escutar, orientar e animar. Definitivamente, não tinha medo da interlocução e do debate, às vezes acirrado e emocionado, sinal de entrega comprometida a um projeto de vida, ciência e profissão de filosofar.

Neste cenário de reflexão coletiva foi gestada sua última grande ética, publicada no ano 2000, um texto que tivemos a oportunidade de debater capítulo traz capítulo, na medida que ia sendo escrita e apresentada no Seminário das quarta-feiras. Esse foi o momento mais intenso de nossa formação filosófica: em sua companhia, testemunhamos historicamente a construção paulatina de um clássico da ética na América Latina,

que se propunha como uma ética mundial da exclusão nos cenários da globalização.

Trata-se de uma ética que oferece, logo de início, uma inusitada história das esticidades dos sistemas mundo ao longo de milênios, um texto que revela a face do Dussel historiador e sua forma de compreender, em uma linha de tempo com não poucas curvaturas e torções, o desenrolar histórico dos sistemas éticos e morais e suas relações profundas com fatores de ordem política, religiosa, econômica e social. Mostra que, historicamente, um sistema ético é sempre uma das faces de uma moeda de muitas faces.

Mas, é também uma ética da afirmação da vida, da afirmação dos consensos democráticos intersubjetivos e da viabilização de estratégias e ações ético-político-econômicas que incidem na construção da consensualidade anti-hegemônica, construída a partir de três critérios e princípios. A tensão inter-criteriológica teria a função de equilibrar a negociação coletiva e participativa de interesses, própria da sociedade democrática, de onde emergiriam novos consensos e novas políticas, estratégias e ações, voltadas para a superação dos processos de exclusão em marcha diuturnamente na nossa sociedade.

Não obstante sua característica multi-criteriológica, como ética da afirmação da vida, se sustenta em um critério e um princípio material de conteúdo, que é a vida mesma, como condição última de possibilidade de todas as pretensões, proposições, construções e ações humanas, sejam individuais, coletivas ou sistêmicas, estabelecendo, com isso, um limite material tangível, tanto para o

ordenamento performático das instituições democráticas, quanto para o ordenamento das políticas e suas estratégias operacionais.

Seu lugar de fala, inicialmente foi América Latina, mas com o tempo descobriu que a América Latina é Sul e o Sul é Global. Sem falar que, mesmo no Norte, há mais Sul do que Norte. Não ter Norte, mas ter Sul, foi sua grande virtude ética de orientação. Se há mais Sul que Norte, a sulidade dos muitos suís constrói e sustenta a universalidade mínima de uma ética e de uma filosofia política que pretendem envergadura mundial.

Ainda que tenha perdido o Norte colonialista ao ter se encantado com o chamado do Sul e de sua vontade decolonial emergente, Dussel não sataniza o Norte, guarda ainda a esperança de que seria possível a construção de uma ética decolonial mundial, que libertaria, tanto o Norte como o Sul, da histórica compulsão colonialista que, convertida em cultura, manchou nosso passado, assombra nosso presente e nubla nosso futuro.

Nessa aventura filosófica não faltaram interlocutores, de modo especial, chama a atenção duas figuras emblemáticas com as quais Dussel mantinha um diálogo intenso, que o influenciou substancialmente na elaboração de sua última grande ética do 2000, me refiro a Franz Hinkelammert e a Karl-Otto Apel. Por um lado, o diálogo com o primeiro o levou a elaboração do critério de afirmação da vida e do critério operacional de factibilidade da ação ética e, por outro, o diálogo com o segundo, o levou a elaboração de um critério que incorpora as exigências ético-performáticas do uso dialógico da linguagem na construção de

acordos intersubjetivos que incidem sobre o ordenamento social.

Muitos fomos os colegas formados nessa escola ética de diálogo e compromisso político. Éramos frequentemente confrontados pelo Mestre em relação à necessidade de compreender a nossa própria existência como uma abertura desde a qual nos chegaria o clamor, ainda que sussurrante, de cada um daqueles que, no seu respectivo Sul, atropelados pela compulsão colonial, se contorcem para manifestar sua vontade decolonial. Insistia, com alguma frequência, na sensibilidade em relação aos novos observáveis e na necessidade de desenvolver um olhar alargado e uma escuta demorada.

A Filosofia da Libertação é um corpo teórico, reflexivo e propositivo que, muito embora esteja fundado nos argumentos de uma razão ético-política, se apoia também sobre um modo de vida orientado pela sensibilidade como não-indiferença, por um olhar alargado e compassivo e por escuta demorada e generosa.

Na sua partida, Dussel nos deixa um legado teórico em sentido forte, se por um lado não se resolve na comodidade das quadraturas ontológicas, por outro, não se deixa entorpecer pela nebulosa transparência de uma razão indiferente e produtora de invisibilidades. Não trilhou o caminho do meio, mas o caminho mais árduo, aquele de dar à razão o que é da razão e à sensibilidade o que é da sensibilidade e, nessa tensão, onde razão e sensibilidade não se recusam mutuamente, construir a passos lentos um mundo, uma sociedade e uma cultura onde caibam todos.